

## ENTRE FOTOGRAFIAS E FOTOGRAMAS: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE JUSCELINO KUBITSCHEK – 1956-1961

Maria Leandra Bizello<sup>1</sup>

A representação do político é parte constitutiva do poder, pois tanto a política quanto o político são instâncias e manifestações da vida social. Entendendo-o globalmente como *ponto de condensação*<sup>2</sup>, uma força atuante e que constitui o imaginário e a imaginação coletiva, a sua representação visual é fundamental, pois não é possível a manutenção do poder “pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial”<sup>3</sup>.

Na contemporaneidade esse universo político ganha outras dimensões, os meios de comunicação de massa mudam consideravelmente as relações entre o político, o povo e a produção de imagens do político. Mais uma vez nos reportamos a Balandier para compreender esse movimento:

“A multiplicação e a difusão dos meios de comunicação modernos modificaram profundamente o modo de produção das imagens políticas. Elas podem ser fabricadas em grande quantidade, por ocasião de acontecimento ou de circunstâncias que não têm necessariamente um caráter excepcional. Elas adquirem, graças aos meios audiovisuais e à imprensa escrita, uma força de irradiação e uma presença que não se encontram em nenhuma das sociedades do passado. Elas se tornam quotidianas; isto quer dizer que elas se tornam banais e se desgastam, o que exige renovações freqüentes ou a criação de aparências, de novidade.”<sup>4</sup>

Essas novas relações num contexto em que os meios de comunicação estão em pleno desenvolvimento no Brasil e a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek e do universo político a partir dos meios de comunicação é o nosso objeto de estudo neste artigo.

---

<sup>1</sup> Historiadora, doutoranda em Múltiplos Meios - UNICAMP.

<sup>2</sup> RÉMOND, René. “Do político”. RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.p.445.

<sup>3</sup> BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora UNB, 1982. p.07.

<sup>4</sup> Idem. pp.62-3.

Getúlio Vargas foi o político que utilizou intensamente os meios de comunicação de massa, durante o Estado Novo, constituindo um Departamento de Imprensa e Propaganda – o DIP – com o objetivo claro de construir e promover a sua imagem como governante além de conduzir o espetáculo, a teatralização das comemorações e uma série de eventos para exaltar e marcar seu poder.

Os fotógrafos e cinegrafistas do DIP não dominavam apenas a técnica da fabricação de imagens mas tinham a percepção de estarem “educando” olhos e mentes para o Estado Novo.

O fim desse período significou a extinção do DIP, o Estado-espetáculo, como nos diz Schwartzberg<sup>5</sup> continuou a existir com outros personagens-políticos. A imagem de Getúlio Vargas em seu segundo mandato, na década de 1950, não teve um suporte de construção como o DIP, mas sua figura continuava privilegiada pela imprensa escrita<sup>6</sup>, até mesmo depois de sua morte.

Juscelino Kubitschek é entendido por muitos estudiosos e mesmo na tradição política como um herdeiro de Getúlio Vargas. Ele possuía um carisma que podemos classificar de *natural* e atuava muito bem no palco da política. No cenário político de então ele representou o político líder, charmoso, um herói que propôs e levou a frente uma epopéia, um personagem transformador. No entanto, há que perscrutar como esse político carismático, de tantos adjetivos, atuou em relação à sua imagem e quais ligações estabeleceu para construí-la.

Para Josanne Guerra Simões “a conformação dessa imagem, tão bem assumida pelo portador começou a ser esboçada em concomitância à carreira política. Em outras palavras, a imagem predominante na posteridade foi aquela que o personagem forjou a cada etapa ou desafio que a vida lhe impôs”<sup>7</sup>. Nesse estudo – *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem* – Josanne analisa essa construção através da

---

<sup>5</sup> SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo: ensaio sobre e contra o star system em política*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro/São Paulo:Difel, 1978.

<sup>6</sup> Ver estudo de OLIVEIRA, Eduardo Romero de. *Getúlio Vargas, a personagem em questão: ensaio sobre a constituição da figura do poder*. Dissertação de mestrado. São Paulo:Universidade de São Paulo, 1995.

<sup>7</sup> SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autêntica,2000. p.12.

palavra escrita, isto é, artigos publicados em jornais de Minas Gerais, “discursos, autobiografia, biografias, depoimentos e trabalhos de cunho jornalístico”<sup>8</sup>, do período inicial da vida política de JK, nos anos 30, até o momento em que é eleito presidente da república. Quando governador de Minas Gerais para se relacionar com o povo e divulgar sua imagem ainda no âmbito regional, organizou uma equipe de redação formada por jornalistas, escritores e poetas que eram responsáveis pela elaboração de discursos, pela correspondência com as instituições de âmbito público, privado e com os particulares, o cidadão comum, essa relação com a população nos mostra o cuidado e a percepção das particularidades para cada público.

Tal imagem é construída pela linguagem escrita e falada, não pela sua visualidade. Fotografias e filmes constituem um lado da imagem de Juscelino Kubitschek permanente na memória coletiva, mas ainda pouco decifrado. E é o próprio JK quem nos possibilita dimensionar a sua visualidade enquanto político no palco da política:

“Enquanto os inconformados se digladiassem no Brasil, numa desprimorosa manifestação de provincianismo político, eu estava no exterior em contato com os chefes de Estado e com os líderes das grandes nações realizando entendimentos sobre os recursos que pudessem ser facilitados para a execução do meu programa de metas. Haveria, além disso, outra vantagem ao realizar aquela excursão: os brasileiros só tomariam conhecimento do que ocorria comigo através da imprensa. Seria uma maneira de estar presente na memória do povo, não em ligação pessoal e direta, mas de uma maneira simbólica, por intermédio de uma imagem.”<sup>9</sup>

Novamente a relação com o povo intermediada, agora não mais apenas pelo discurso escrito ou falado mas fundamentalmente pelo visual, pela imagem veiculada na imprensa. O trecho acima se refere à viagem que Juscelino Kubitschek fez aos Estados Unidos e Europa em janeiro de 1956, antes de sua posse.

A imprensa escrita e ilustrada cobriu a viagem, tanto O Cruzeiro quanto Manchete deslocaram fotógrafos e repórteres para seguirem o presidente eleito. A produtora cinematográfica de Jean Manzon também enviou cinegrafistas para acompanhar JK em

---

<sup>8</sup> Idem, p.14.

<sup>9</sup> KUBITSCHEK, Juscelino. *A escalada política – Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976. vol. 2.

suas visitas e produziu um documentário de longa-metragem, **O mundo aclama o Brasil**<sup>10</sup>. As imagens utilizadas no documentário não se restringiram aquelas coletadas pelos cinegrafistas, mas há imagens do arquivo da produtora e seqüências de jornais cinematográficos. Não era suficiente montar um filme no qual JK aparecesse infinitas vezes apertando mãos de estadistas, sorrindo, acenando, descendo e subindo de aviões. Era fundamental construir um roteiro no qual outros elementos referentes às idéias e ações de Juscelino também fossem mostrados. Os comentários são abundantemente utilizados, com a voz do narrador que tudo sabe, tudo viu, a voz de deus, sublinhando e singularizando as idéias de JK ao mesmo tempo em que narra os encontros, visitas e banquetes. O narrador contribui para tornar a leitura do filme imediata e simples, reforçando e explicando as imagens. Por apenas uma vez Juscelino fala no filme, isso basta para assegurar à narração uma absoluta compatibilidade com o discurso presidencial, além de legitimar as idéias colocadas pelo narrador.

JK em viagem divide o espaço das revistas com o JK em acordos políticos para a composição do ministério. Ao presidente eleito e que vai á Europa e Estados Unidos e vemos nas páginas cumprimentando presidentes, primeiros-ministros, reis e rainhas contrapõe-se o presidente eleito, de rosto sério e tenso, conversando com políticos e prováveis ministros. Manchete faz uma ampla cobertura dessa viagem enquanto que em O Cruzeiro há a preocupação com a política em torno da escolha de ministros e JK aparece nesse sentido, no âmbito da política nacional e não das relações que começa a estabelecer no exterior.

O universo da política de O Cruzeiro e Manchete não poderia existir sem imagens. Tanto quanto as reportagens sobre as estrelas de cinema, fatos extraordinários ou os índios na Amazônia, os políticos tinham que aparecer para além dos artigos, comentários e críticas. O que nos parece, nesse momento, é que ambas as revistas, separam a política partidária e as preocupações políticas do governo de outras atuações desse mesmo governo. A viagem presidencial fartamente ilustrada merece várias páginas de dois

---

<sup>10</sup> Esse filme foi produzido pela Jean Manzon Films em 1956.

exemplares de Manchete, ou seja, duas semanas cujo foco principal de reportagem é a viagem presidencial ao exterior. Os artigos sobre a crise econômica e as especulações sobre a composição do ministério tomam um espaço menor, mas não menos ilustrado, é necessário ver quem são os personagens no palco da política que permanecerá por quatro anos.

O tempo aqui não interessa, e como previu JK ele está em contato com o povo através de imagens, mas essas imagens não se referem apenas ao seu presente de viajante, mas também ao futuro. Vemos então, ainda em Manchete de 21 de janeiro de 1956, Juscelino encontrando-se com Eisenhower nos EUA, reis e rainhas na Europa, ele também está conversando com Israel Pinheiro sobre a crise econômica. Mesmo através da imagem ele é associado aos problemas políticos urgentes que estão no Brasil como a constituição do ministério, o título de um dos artigos dessa revista de número 196 é: **A última palavra sobre o ministério de Juscelino** e está ao lado de duas fotografias de Juscelino chegando à Holanda. Mesmo na relação imagética que pretende estabelecer JK está à mercê da manipulação gráfica e de ser mostrado ao povo de diversas maneiras num único exemplar, não é apenas a viagem, mas também, e principalmente, os assuntos internos que ele representa e no qual é representado.

O documentário “**O mundo aclama o Brasil**” não nos mostra a perspectiva política interna tal como as revistas, o filme entrecortado por imagens de arquivos faz referência à política desenvolvimentista a ser implementada e não ao jogo político/partidário para a instalação do ministério. São imagens das intenções do presidente eleito, de um futuro próximo.

#### ***A visita de Foster Dulles ao Brasil***

Em agosto de 1958 John Foster Dulles, Secretário de Estado do governo norte-americano de Eisenhower faz uma visita de alguns dias ao Brasil. Essa visita estava ligada diretamente à construção da OPA, a Operação Pan-Americana, “uma vasta ação político-diplomática(...) cujo objetivo econômico explícito era o aporte de recursos em larga escala

para projetos de desenvolvimento na América Latina”<sup>11</sup>. Era ainda um esforço de Juscelino Kubitschek em tirar o governo norte-americano de certa apatia quanto aos problemas e possibilidades da América Latina. A vinda de Foster Dulles era uma resposta, um pouco atrasada, a cartas que JK enviara a Eisenhower desde o início de seu mandato, com a intenção de atrair capitais estrangeiros e combater os numerosos problemas econômicos e sociais que imperavam no continente<sup>12</sup>, mas aos olhos norte-americanos a “fermentação ideológica”<sup>13</sup>, leia-se, o comunismo, era o que mais contava. Além desse descompasso, uma crise no Oriente Médio torna a vinda do Secretário de Estado mais difícil, no entanto, JK coloca que o fato da divulgação da visita, já havia mobilizado a imprensa o que desencadearia uma “repercussão desagradável”<sup>14</sup> tanto nas relações entre Brasil e Estados Unidos quanto na América Latina.

A visita recebeu por parte da imprensa brasileira uma cobertura discreta pelo menos das revistas ilustradas, O Cruzeiro e Manchete, e um documentário curta-metragem realizado pela NOVACAP – administradora da construção de Brasília, dirigida por Israel Pinheiro – mostrou a visita de Foster Dulles e sua esposa aos canteiros de obras de Brasília.

Em Manchete, número 327, de 26 de julho de 1958, o repórter Carlos Lemos e o fotógrafo Jankiel publicam uma reportagem sobre a “Operação Foster Dulles” programada pela UNE para recepcionar o Secretário de Estado em sua passagem pelo Rio de Janeiro, o nome da reportagem: **Foster Dulles não vai ver Copacabana**. O tom de protesto contra a visita é ilustrado pelas fotografias dos estudantes em reunião, discutindo as estratégias dessa recepção. Na semana em que Foster Dulles está no Brasil, Manchete publica uma entrevista que ele dá, ainda em Washington, a Murilo Melo Filho. A entrevista é ilustrada com o rosto de Foster Dulles sério, o dedo em riste, ao estilo Tio Sam, apontando para o

---

<sup>11</sup> MOURA, Gerson. “Avanços e recuos: a política exterior de JK” in GOMES, Ângela de Castro(org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro:Ed.Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991. p.31.

<sup>12</sup> KUBITSCHKEK, Juscelino. *50 anos em 5 – Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978.p.228.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Ibidem. p.227.

leitor; na página ao lado, o teor da entrevista parte do título: **Um americano intranquilo**<sup>15</sup>. Ali, Dulles revela a necessidade de sua vinda, desmentindo os boatos da suspensão da viagem, o tom assertivo e firme, é sustentado pela fotografia. A revista Manchete não enfatiza o momento em que o Secretário está no Brasil, mas o momento anterior.

Em O Cruzeiro de 09 de agosto de 1958, número 43, JK aparece como padrinho de um casamento realizado em Brasília ao lado de D. Sara; Foster Dulles em visita só aparecerá no exemplar de 16 de agosto - número 44 -, sem a presença de Juscelino Kubitschek. Juntos estarão na revista de número 45, de 23 de agosto de 1958, numa reportagem de Armando Nogueira e José Medeiros. Nessa reportagem, **O Brasil ensina a Dulles o caminho da América Latina**, a leitura da fotografia de ambos agachados apertando parafusos é dirigida pela legenda que nos contextualiza: “Chave inglesa em punho, Dulles cumpre uma etapa de sua visita: apertar parafusos em Brasília, dando uma mão à tarefa de JK”<sup>16</sup>. Na página anterior outra fotografia mostra JK e Foster Dulles na mesa de negociações no Rio de Janeiro, apertando as mãos frente a fotógrafos, repórteres e ministros, na legenda a explicação do aperto de mãos: “o presidente JK e o secretário Dulles cumprimentam-se por sobre a mesa dos entendimentos, selando o reencontro das Américas”<sup>17</sup>. Para além da fotografia e em conformidade com o conteúdo do artigo, a legenda interpreta e reafirma o gesto ilustrativo da discussão naquele momento, a Operação Pan-Americana.

O curta-metragem para a NOVACAP que aborda a visita de Foster Dulles faz parte de uma série de filmes que cobriam as obras da construção de Brasília, muitos filmes têm como assunto visitas de políticos à cidade que era edificada. Em quase todos Juscelino Kubitschek é o anfitrião que dirige a visita.

Em, Brasília número 12, com narração de Cid Moreira, Dulles, sua esposa e JK chegam de avião e são recepcionados por Israel Pinheiro e uma pequena comitiva. À partir daí vemos as obras de Brasília: a câmera nos mostra diversos edifícios em construção,

---

<sup>15</sup> Manchete, 09 de agosto de 1958, n.329. pp.30-31.

<sup>16</sup> O Cruzeiro, 23 de agosto de 1958, número 45. p.29.

<sup>17</sup> Idem p.28.

operários trabalhando cavando e colocando manilhas para a rede de água e esgoto, máquinas perfurando o solo, guindastes movimentando perfis de aço para a construção dos ministérios. Essas imagens sugerem aquilo que Foster Dulles viu em Brasília, intercaladas com imagens das ações do Secretário em conjunto com JK. Se em *O Cruzeiro*, Dulles ajuda JK a apertar parafusos, no curta-metragem ele planta uma muda de magnólia, descerra a placa indicativa do local da futura embaixada americana em Brasília, visita a Igreja Nossa Senhora de Fátima, primeira igreja inaugurada na futura capital, admira o Palácio da Alvorada e em reunião assina a “Declaração de Brasília”, selando um cansativo entendimento sobre a Operação Pan-Americana. A voz do narrador tudo descreve com muitos adjetivos, inclusive sentimentos dos políticos, mas nada nos revela do que foi discutido nas reuniões fora do alcance da câmera.

Tal como em **O mundo aclama o Brasil, Brasília n. 12** ilustra: o primeiro, a viagem de JK ao exterior, o segundo, a visita de Foster Dulles ao Brasil com o mesmo teor descritivo. JK está em pleno ritual do poder, as tensões e conflitos não existem nem nas imagens, nem na narração.

A imprensa ilustrada oscila entre abordar a oposição á visita e mostrar o ritual do poder, procura ocupar tanto no discurso escrito quanto na visualidade as várias faces de JK. Ao lado do presidente sorridente e transformador, hospitaleiro e empreendedor, o político de face séria e tensa ao lidar com o jogo político interno, os dois momentos nos mostram assim uma certa continuidade na imagem de Juscelino Kubitschek tanto nas revistas como nos dois documentários e não a exacerbação da figura presidencial.